

Antecipação e Abdução *Antecipacion and abduction*

Kátia Batista Camelo PESSOA; Gustavo Melazi GIRARDI

Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Câmpus de Marília
navevida@yahoo.com.br; gustavogirardi@marilia.unesp.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o conceito de antecipação, que na concepção de De Tienne (2005), é um processo pelo qual a representação de um estado futuro orienta um evento semiótico presente, e a sua relação com o raciocínio abduutivo. Nesse sentido, a antecipação envolve uma dimensão teleológica, na medida em que incorpora signos com os desdobramentos de seus novos interpretantes. No processo de semiose, isto é, nos desdobramentos dos signos, estes carregam com eles o futuro, pois estão impregnados de intenções, desejos, necessidades e ideais. Ressaltamos que na semiose a informação é inerentemente processual, pois os signos se constituem numa dinâmica, e por meio dessa dinâmica, ao serem instanciados, adotam uma forma condicional, que tem a característica de enunciar vagamente o que poderá acontecer no futuro. Ao antecipar uma interpretação, a semiose se desloca em duas direções no tempo: no presente, ela envolve algo do passado que, ao sinalizar por meio de intenções, remete ao futuro; e do futuro para o presente, ao orientar os eventos presentes pela representação do futuro. Há uma co-relação entre essas duas direções temporais na medida em que podemos prever, pelo processo semiótico, os acontecimentos futuros, sendo esta previsão uma orientação para os eventos no presente. Argumentaremos em defesa da existência de uma relação frutífera entre esse processo de antecipação e o raciocínio abduutivo, relação esta que – ao reunir informação na forma de um conjunto ordenado de proposições de um continuum semiótico – possibilita a formulação de novas hipóteses.

Palavras chave: Abdução. Antecipação.

Abstract: *The aim of this work is to analyze the concept of anticipation that, in accordance with De Tienne's (2005) conception, is a process by means of which the representation of a future state orientates a present semeiotic event and its relation to the abductive reasoning. In such a conception, the anticipation involves a teleological dimension, in the extent that it incorporates signs with the unfolding of its interpretants. In the process of semeiosis, that is to say, in the unfolding of signs, they carry on their own future, for they are laden with intentions, desires, necessities and ideals. We point out that, in the semeiosis, the information is inherently processual, for signs are constituted in a dynamics, and by means of such a dynamics, when they are instantiated, they adopt a conditional form which has the characteristic of enunciating vaguely what may happen in the future. At anticipating an interpretation, semeiosis moves on in two directions in time: first, in the present, the interpretation involves something from the past which, when signaled via intentions, point us to the future; and, second, from the future to the present, when orientating the present events by means of the representation of the future. There is a correlation between these two time directions, in the extent that we can forecast, via semeiotic process, the future happenings, being such a forecast an orientation for the present events. We shall argue in defense of the existence of a fruitful relationship between the process of anticipation and the abductive reasoning, a relation that – when collecting information in the form of an ordered set of propositions of a semeiotic continuum – makes possible the formulation of new hypotheses.*

Keywords: *Anticipation. Abduction.*

* * *

O objetivo deste trabalho é analisar o papel da antecipação no domínio da ação significativa. Segundo De Tienne (2005), a antecipação constitui um processo pelo qual a

representação de um estado futuro orienta um evento semiótico presente. Argumentaremos em defesa da existência de uma relação frutífera entre esse processo e o raciocínio abdutivo, relação esta que – ao reunir informação na forma de conjuntos ordenados de proposições de um continuum semiótico – possibilita a formulação de novas hipóteses.

A lógica pertinente à semiótica peirceana, à qual ele irá recorrer em suas reflexões sobre o conceito de informação (DE TIENNE, 2005, p. 150), permite antecipar, no processo de semiose, resultados futuros. Tais resultados diriam respeito à própria lógica organizadora da informação disponível no mundo, como o produto da multiplicação de uma dinâmica que se recicla num *continuum* semiótico e, não apenas, numa soma de quantidades. A antecipação de resultados está embasada em informações obtidas de acontecimentos e fatos que, ao se desdobrarem à compreensão de alguma inteligência, modificam atitudes e alteram a realidade. Segundo De Tienne (1903 apud Peirce, 2005, p. 159), somente será considerada informação genuína algo que, no âmbito de uma real possibilidade de ação para um agente, seja uma novidade e tenha um significado verdadeiro. Se algum conhecimento ou evento não for mais novidade, ou ainda, quando algo não for compreensível a alguma mente, não se tratará de informação genuína. Há um processo lógico em que proposições sintéticas, para se tornarem informação genuína, precisam transportar uma verdade conectada com a realidade, isto é, um evento real, uma experiência no plano da ação significativa (DE TIENNE, 2005, pp. 159 a 160). Essa informação transportada, quase sempre, interfere nos hábitos de uma mente, com raízes em experiências passadas, mas que podem ser atualizados por uma novidade no presente, utilizando o que do passado ainda não seja obsoleto em vista a uma outra experiência futura.

Para antecipar resultados de uma ação é necessário desdobrar as informações em potência e estar participando de um contexto semiótico que utiliza signos comuns a todos. As hipóteses, geradas a partir de inferências ampliativas que são extensão e profundidade informada, demandam em informação. Há uma parte mais extensiva da informação imediatamente percebida por um agente, porém há camadas mais implicadas da realidade que contém informações, ainda encapsuladas. Segundo De Tienne, (2005, p 156), no processo de semiose, para instanciar um dinamismo triádico, há duas intencionalidades e um interpretante como mediador. A primeira ocorre porque o interpretante foi determinado pelo signo e irá determinar outros interpretantes, a segunda porque ele deverá representar as várias relações entre signo e o objeto e apresentá-lo a outros que irão fazer a sua interpretação e, assim, sucessivamente, estarão antecipando outros signos. De Tienne aponta (2000 apud NADIN, 2005, p 156) que “todo signo é uma antecipação de sua interpretação”. Essa dinâmica no processo de semiose acaba por revelar uma dupla intenção no tempo, isto é, no presente, ela envolve algo do passado que, ao sinalizar por meio de intenções, remete ao futuro; e do futuro para o presente, ao orientar os eventos presentes pela representação do futuro. No processo lógico da semiose há uma intencionalidade que vem se instanciando, por um percurso histórico, em relação a algo do passado, em função de um futuro, nas ações do presente. Há uma relação entre duas direções: passado, presente e futuro e futuro e presente. Na primeira podemos prever pelo processo semiótico, na segunda podemos atualizar o mundo, isto é trazemos o futuro ao presente na medida que nos constituímos como parte integrante dele. No contexto do passado para o futuro, a antecipação, é um processo histórico com o qual a representação do futuro, através do imaginário, atualiza um evento semiótico presente numa dimensão teleológica.

Em síntese podemos dizer que os signos e símbolos são indicações do que poderia acontecer no futuro, caso sejam dadas condições antecipadas no presente. Isto implica que o

processo semiótico não é randômico, mas apresenta uma inferência contínua, tomando suas conclusões sempre como novas premissas e permitindo que, num percurso histórico, eventos semióticos sejam atualizados. A dimensão teleológica é possível na medida em que a interpretação adota uma forma condicional orientada para o futuro. A informação desdobrada pela interpretação, ao ser explicitada numa dinâmica, adquire novas significações que, instanciadas num contexto, modificam relações e atitudes e, por sua vez, alteram eventos. A informação tem uma finalidade implicada só percebida quando recebe uma interpretação. Ao mesmo tempo em que se desdobra revelando a realidade dos fatos, ela permite ao interpretante superar mais uma de suas camadas e aprofundar o conhecimento sobre essa realidade que sendo atualizada, altera o seu resultado final. A interação triádica possibilita o desencapsulamento da realidade implicada, pois nela já está contida, em potência, informações capazes de auxiliar descobertas. Mas é a capacidade de percepção do agente que, regida por seus estados disposicionais geradores de critérios de relevâncias, antecipa interpretações sobre as coisas. No processo de semiose, qualquer informação necessita ser interpretada para poder antecipar atitudes que modificam resultados finais.

Os signos carregam junto com eles o futuro, pois estão impregnados de intenções, desejos, necessidades e ideais. Será próprio dizer que é uma via de mão dupla; há uma informação que se captada modifica as atitudes que acabarão por revelar outras camadas da realidade. A informação desdobrada passa a ser causa para uma outra atualização a partir da conclusão que se transforma em uma nova premissa. Não se trata de uma relação de causa e efeito, mas de uma relação triádica – signos, interpretante e objeto - que num continuum semiótico descoloca-se e possibilita a ampliação da realidade configurada num diagrama. Esse é um movimento aberto, espiralado e não podemos defini-lo como ascendente ou descendente e, sim, de aprofundamento de camadas da realidade que se sobrepõem sem uma linearidade.

A concepção de antecipação pode ser pertinente ao entendimento da natureza tética da informação na teia de relações, considerando-se costumes e hábitos. Podemos dizer que a informação tem uma finalidade, mas que não se direciona para um fim fixo, inalterado e acabado. Sua finalidade é o conhecimento que ela carrega em si mesma e, à medida que serve a quem a interprete, pode antecipar atitudes e eventos, modificando hábitos cristalizados ou, inclusive, tornando hábitos em habilidades refinadas. Signos, enquanto símbolos que se replica a si próprio, são um tipo especial de *sensignos* com uma forma condicional que o orienta para o futuro, sendo possível uma previsão evolutiva e auto-corretiva. *Sensignos* são eventos semióticos limitados por regras e, por isso mesmo, vetorizados dentro de um continuum inferencial que permite às conclusões de argumentos ampliativos se tornarem premissas de novos argumentos (DE TIENNE, 2005, p. 157). A descoberta da informação em potência não ocorre aleatoriamente. Embora, muitas vezes, o acaso faça parte dessa descoberta, há percursos com históricos lógicos que pressupõem um conhecimento adquirido capaz de ser atualizado por novidades, direcionando os agentes a determinadas soluções e não a outras.

Em síntese, a novidade, enquanto informação desdobrada no presente, permite ampliar o universo de uma mente inteligente com uma memória e um percurso na história. Tal mente, ao rememorar experiências ainda não obsoletas, estabelece uma conexão como o futuro num continuum semiótico. Essa verdade transportada deve envolver um possível real e, portanto, admite uma condicional, de que algo deverá ser levado em consideração se houver intenção em se obter sucesso em eventos futuros. Esse estado condicional ligado à realidade é a lógica da descoberta ocorrendo, por detrás dos eventos, dificilmente percebida, muitas vezes enganosamente associada à idéia de um determinismo e, portanto, criando a ilusão de que as

“coisas são como são” por uma “força maior”. Por outro lado, para além da lógica dos acontecimentos, o acaso é imperativo nesse processo histórico. A lógica, então, enquanto semiótica que tem os signos como seu objeto, representa como devem ser para uma inteligência científica e aceita uma doutrina do ‘quasi-necessário’, na medida que admite um certo falibilismo. Segundo Silveira,

(...) os signos – pertence ao universo fenomênico e só é alcançado em suas manifestações empíricas. É necessário observá-lo onde quer que se manifeste e tal manifestação, distinguindo-se da pura produção da razão, dela independe, esconde-se e dissimula-se. Jamais, pois, a Lógica o terá totalmente exposto à sua explicação, mas precisará buscá-lo no universo da experiência e construir sobre ele hipóteses que o expliquem. (SILVEIRA, 2007, p. 21).

Não há, portanto, determinismo absoluto no desencadeamento dos fatos, ainda que eles não sejam aleatórios. A lógica não terá como explicar a realidade totalmente, pois que ela nunca estará pronta e acabada, mas a lógica deverá construir hipóteses sobre essa mesma realidade para poder explicá-la. Ao tratar de uma inteligência científica, Peirce referia-se às inteligências que aprendem com a natureza e têm a capacidade de gerar hábitos estáveis. São sistemas inteligentes que se auto-regulam, aprendem, se alteram e criam hábitos através da experiência e não se restringem a seres humanos. Toda natureza é científica, cada ser aprende gerando hábitos, mas por um processo de ajuste contínuo, transformando hábitos em habilidades. A inteligência cria hábitos para facilitar a integração com o objeto que busca conhecer. A semiótica utiliza-se de diagramas que, como um conjunto de relações infinitas, são capazes de representar da melhor forma um fenômeno, permitindo a antecipação de um procedimento para se obter melhor interação com o mesmo fenômeno. Um diagrama é uma sucessão de tríades - signo, objeto e interpretante - e estará representando o real, enquanto inferência lógica para antecipar atualizações na realidade futura. As representações antecipam imaginariamente uma conduta (SILVEIRA, 2007, p. 26) para que estas se efetivem no futuro, quando a ocasião permitir.

Todo pensamento, segundo Peirce, existe por motivação em vista de um objeto desejado. O pensamento é sempre aprendizagem que ajuda na elaboração da realidade. A forma diagramática da tríade leva adiante a tarefa de representar o real, imaginando casos hipotéticos (SILVEIRA, 2007, p. 26). Colocamos diagramas mentais multiplicando os casos, até se ter um hábito instanciado pelo caso que foi tido como o resultado em todo o diagrama. Tal processo quando aprovado, torna-se um raciocínio indutivo. Na semiótica não importa tanto saber como devem ser os signos, mas sim compreender, mesmo que hipoteticamente, como deve proceder uma inteligência em seu ato de pensar e, quanto mais conseguir compreender esse ato, melhor alcançara o que se pretende conhecer (SILVEIRA, 2007, p. 26). A capacidade de imaginar hipoteticamente como irá proceder uma inteligência científica, permite antecipar condutas e atitudes. Tal inteligência apreende os objetos a partir da experiência, na qual está implícito o diagrama formado por tríades. Através de uma dinâmica triádica e não por uma relação diádica de causa e efeito, ao utilizar-se de signos que recortam a realidade, a mente com inteligência científica consegue desdobrar informações encapsuladas e ser capaz de modificar hábitos de conduta permitindo uma permanência mais elaborada dentro de um contexto semiótico.

Contudo, para Peirce, aquilo que se pode perceber não pode estar restrito a uma experiência puramente mental, afinal possui um sentido na experiência sensorial. (SANTAELLA, 2004, pp 38, 39). A percepção de um evento novo, como já se sabe, passa por um processo que Peirce denominou de abdução. Apesar de Peirce rejeitar a idéia de que uma intuição está num âmbito puramente mental, a abdução, para ele, está ligada ao que ele

denominou de ‘instinto’, criando o polêmico paradoxo sobre o caráter bipolar e ambivalente da abdução (SANTAELLA, 2004, p 108). No processo abduutivo as suas hipóteses surgem da imaginação humana, ou de um instinto, a questão está em como acomodar tal instinto numa inferência lógica. No entanto, veremos que o termo é adequado já que não está se contradizendo quanto à rejeição de Peirce aos estados mentais somente, mas refere-se às ações no mundo que geram eventos reais e, portanto, está dando importância às coisas no plano da ação e admitindo o acaso que proporciona uma quebra de hábito e, ainda assim, permitindo prever, dentro das probabilidades lógicas, a ocorrência de eventos futuros desencadeados por opções tomadas num dado momento.

Peirce deu a intuição cartesiana um sentido específico, isto é, trata-se de uma cognição não precedida de outra cognição, ou seja, uma premissa que não tenha sido uma conclusão anterior (SANTAELLA, 2004, p 111). Conforme Santaella (1973 apud JONES, 1973, p. 112, 2004, p. 112), o sentido de intuição como flash de criatividade (*insight*), Peirce não rejeitou, sendo absorvida pela sua noção de abdução como *instinto*. Não se trata, porém, do *insight* de uma consciência individual, fundado em uma teoria intuitiva de ação mental, mas trata-se de estar, de fato, no plano da ação como fruto de uma consciência coletiva. Nem mesmo esse insight possui uma verdade indubitável, pois ele é o mais falível das faculdades humana e sempre passível de revisões. O termo instinto utilizado por Peirce envolve, não apenas, os seres humanos, mas todas formas de vida, possibilitando uma teoria que não privilegia o antropocentrismo, mas propicia “uma espécie de fio permeando as instâncias da vida, ligando analogicamente o homem a todas outras formas vitais, inclusive vegetais” (SANTAELLA, 2004, p 112). Para Peirce os instintos são hábitos, padrões cristalizados como crenças que se tornam senso-comum passando despercebidos. No processo de raciocínio uma proposição é inferida da outra, por hábito, isto é, instintivamente. Já que os instintos são hábitos, são também interpretantes no processo de tradução signica; é possível dizer que, nesse caso, não há separação entre o insight, a iluminação, e a ação mental. Mas, contrariamente ao pensamento de Descartes, isto é, que a intuição pressupõe uma premissa primeira, obra da iluminação, há na verdade, por um processo de inferências hipotéticas, isto é de um raciocínio (abduutivo), a percepção de algo novo para aquele que percebe, mas, contrariamente ao individualismo da intuição, tal instinto da percepção é coletivo e social (SANTAELLA, 2004, p 113).

O pensamento, para Peirce, só é possível com signos, não como representação apriori, nem como uma relação sujeito/objeto que prevê um efeito subordinado a uma causa, mas como algo dinâmico, triádico que envolve o signo, o objeto e o interpretante. De uma aceitação a outra se constitui o raciocínio, sendo que o termo aceitação seja sinônimo de inferência lógica. Segundo Peirce, a abdução é uma espécie de julgamento da percepção e o resultado da abdução é uma hipótese ou conjectura que pode ser submetida à crítica. O esquema de uma premissa primordial é substituído pela noção de um hábito de inferência inconsciente. O julgamento de percepção é de grande falibilidade, mas tem a natureza de uma inferência hipotética. Esta no processo abduutivo, na noção de hábito inconsciente de inferência, o ponto de convergência que explica que tais inferências nos parecem originais justamente por serem inconscientes. O paradoxo entre o instinto e a lógica reside, segundo Santaella (1970 apud FANN, p. 41, 2004, p. 115):

O momento do *insight* é espontâneo, assim como o ato de adotar hipótese assoprada pelo instinto é igualmente sentido como um flash. Mas o processo de construção e seleção da hipótese é consciente, deliberado, voluntário e controlado. (SANTAELLA, 2004, p.115, APUD FANN, 1970, p. 41).

Apesar da ênfase que é colocada na falibilidade das inferências hipotéticas, elas são viáveis na medida em que as faculdades humanas são frágeis e falíveis e, desse modo, para Peirce, só podemos confiar em nossos julgamentos de percepção admitindo sempre a possibilidade teórica do erro em qualquer julgamento particular. No entanto, “sem a abdução nenhuma percepção seria possível, pois, até mesmo na percepção mais automatizada, há sempre o componente hipotético trazido pela abdução” (CP.5.181, SANTAELLA, 2004, p. 121, 123). O processo de abdução exige um estado disposicional para o componente hipotético que ele carrega em si mesmo, estado esse, que pressupõe uma memória biológica e o contexto de um *continuum* semiótico na história. Apesar de que a hipótese surgida de um instinto estar fora do nosso controle, ela tem uma lógica própria.

A relação frutífera entre antecipação e abdução consiste, então, no fato de que, ambos admitem a falibilidade e estão dentro de um processo lógico de inferências baseadas em dados reais. Na abdução, podemos entender que há um instinto que irá determinar atitudes, onde o acaso terá um lugar de destaque para o desdobramento da informação genuína, ou seja, da novidade que irá permear o processo de abdução. Com base nessa informação que estava, anteriormente à abdução, encapsulada, é possível imaginar e ampliar o diagrama formado por tríades, e desse modo prever e antecipar acontecimentos futuros. Tais previsões só ocorrerão em virtude de desejos e necessidades, voltados para o futuro, determinarem atitudes no presente, inferindo o resultado final, e nesse sentido, reside a natureza tética da informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOHM, David. *A Totalidade e a Ordem Implicada: uma nova concepção da realidade*. São Paulo: Cultrix. 1980.
- DA SILVEIRA, L. F. B., Curso de Semiótica Geral. São Paulo: *Quartier Latin*, 2007
- De TIENNE, A., Information in formation: a peircean approach. In: *Cognitio*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 149-165, 2005.
- SANTAELLA, L., O método anticartesiano de C. S. Peirce. São Paulo: UNESP, 2004.